



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Escola Superior de Educação e Comunicação

**“A Multiculturalidade na educação pré-escolar.
Estratégias de integração”**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Angélica Maria Águas Segurado

Trabalho efetuado sob a orientação de
Prof.^a Doutora Maria Leonor Alexandre Borges dos Santos Terremoto

2013

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Escola Superior de Educação e Comunicação

**“A Multiculturalidade na educação pré-escolar.
Estratégias de integração”**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar**

Angélica Maria Águas Segurado

Trabalho efetuado sob a orientação de
Prof.^a Doutora Maria Leonor Alexandre Borges dos Santos Terremoto

2013

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada

A Multiculturalidade na educação pré-escolar. Estratégias de integração”

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluídas.

Assinatura da candidata

Copyright Angélica Maria Águas Segurado: A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

***“ [...] o mundo é um «arco-íris de
culturas»”***

(Santos, 1995, citado por Stoh, S. & Cortesão, L.
1990)

Agradecimentos

O presente relatório de prática de ensino supervisionada, só foi possível ser realizado graças à dedicação, cooperação e entrega não só da minha parte, mas também de inúmeras pessoas e entidades, que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional e também pessoal.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, por me ter recebido ao longo destes anos durante o meu percurso académico e, por me ter ajudado a chegar mais longe no meu sonho profissional.

Quero agradecer à Professora Maria Leonor Borges, pela sua orientação e apoio ao longo da construção deste relatório. Por me ter ajudado com as pesquisas e pelas críticas construtivas que me deu, não esquecendo a simpatia e amizade com que sempre me recebeu.

A todos os docentes que, ao longo da Licenciatura e do Mestrado, contribuíram para a aquisição de novos saberes e competências na área da Educação.

Um agradecimento ao Jardim de Infância onde decorreu o meu estágio da prática de ensino supervisionada, assim como todos os intervenientes educativos tais como as educadoras e assistentes, em especial à educadora cooperante Fátima Simão que tão bem me acolheu, bem como a assistente Isabel. Não posso deixar de agradecer a todas as crianças e aos seus familiares por me terem acolhido de tão bom agrado nas suas vidas.

Agradeço à minha colega de estágio, por todo o apoio e companheirismo ao longo do estágio.

Agradeço a toda minha família, em especial aos meus pais e ao meu irmão, por estarem sempre do meu lado nesta fase, por me apoiarem e serem compreensivos comigo nas alturas de maior stress, por nunca me deixarem desistir e por me fazerem acreditar que tudo era possível de se realizar.

Aproveito para agradecer a todos os meus amigos, por estarem no meu lado mesmo que só em pensamento, por ser compreensivos, não me julgarem pela falta de tempo para com eles e por sempre me apoiarem nesta fase da minha vida.

Agradeço em especial à Cláudia Fernandes por todo o tempo que passou comigo na universidade; pela ajuda nas leituras, análises e trocas de ideias que enriqueceram este relatório.

Por fim, agradeço a todos os que se cruzaram no meu caminho ao longo destes tempos e que, de forma direta ou indireta, me ajudaram na construção deste percurso muito importante.

A todos vocês deixo um muito obrigada!

Resumo

O relatório aqui apresentado tem como objetivo relatar o trabalho desenvolvido na prática de ensino supervisionada sobre a importância do desenvolvimento de práticas educativas de inter/multiculturalidade na educação pré-escolar. Procurou-se perceber como é tratada esta problemática junto no jardim de infância onde decorreu o estágio e qual deverá ser o papel do educador inter/multicultural. Quisemos, ainda, aprofundar o conhecimento acerca da problemática da interculturalidade e da multiculturalidade e mostrar como deverá ser realizada a integração de uma criança numa sala de jardim de infância, de uma cultura que não a sua.

O trabalho realizado enquadra-se numa metodologia de investigação-ação, de natureza qualitativa, valorizando a ação e a investigação como meios fundamentais de construção de saberes e de procura das respostas às questões colocadas. A recolha de dados resultou da observação direta e participativa e da análise documental.

Palavras-chave: Multiculturalidade, interculturalidade, educação pré-escolar, inclusão

Abstract

The report here presented has the objective to relate the work developed in Teaching Supervision Practice about the importance of the development of educational methods in inter/multicultural kindergarten education. We tried to understand how this issue was handled in that specific kindergarten and what should be the role of the inter/multicultural teacher. It was also our intention to carry out and extend research and knowledge about the intercultural and multicultural issue as well as and show how teachers should carry out the integration of a child whose *cultural* heritage is different from the other children.

The work accomplished fits into a methodology of investigation – action, of quality nature, enhancing the action and the investigation as essential process of knowledge construction and the demand for answers to questions raised. The gathering of database resulted from the direct and participative observation and from the documental analysis.

Key-words: Multiculturalism, interculturalism, preschool education, inclusion

Índice Geral

| | |
|--|----|
| Agradecimentos | 5 |
| Resumo | 6 |
| Abstract | 7 |
| Índice Geral | 8 |
| Índice de Gráficos | 10 |
| Índice de Ilustrações | 11 |
| Índice de anexos | 12 |
| Introdução | 13 |
| | |
| Capítulo 1. Enquadramento teórico | 15 |
| 1.1 Multiculturalização da Sociedade Portuguesa | 15 |
| | 17 |
| 1.2 Multiculturalidade e Educação | |
| 1.2.1 Escolas Multiculturais | 21 |
| 1.2.2 O papel do educador inter/multicultural | 23 |
| 1.3 A Consagração da educação inclusiva na Lei de Bases e nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar | 27 |
| | |
| Capítulo 2. Atividades desenvolvidas | 31 |
| 2.1 Procedimentos metodológicos | 31 |
| 2.1.1 Objetivos e questões do estudo | 31 |
| 2.1.2 Público-alvo | 31 |
| 2.1.3 Opções metodológicas | 32 |
| 2.1.4 Técnicas e Instrumentos de recolha de Informação | 34 |
| 2.1.5 Planificação das ações | 36 |
| 2.2 Atividades desenvolvidas: análise e interpretação de dados | 41 |
| 2.2.1. A integração na sala: o papel da educadora | 41 |

| | |
|--|----|
| 2.2.2. Atividade orientada para a educação intercultural | 42 |
| Conclusões | 46 |
| Reflexão Final | 49 |
| Referências Bibliográficas | 52 |
| Anexos | 56 |

Índice de Gráficos

Gráfico 1

31

Índice de Ilustrações

| | |
|--------------|----|
| Ilustração 1 | 43 |
| Ilustração 2 | 43 |
| Ilustração 3 | 44 |

Índice de Anexos

| | |
|---------|----|
| Anexo 1 | 57 |
| Anexo 2 | 59 |
| Anexo 3 | 64 |
| Anexo 4 | 71 |

Introdução

O presente relatório de prática supervisionada, incide sobre um estudo realizado em contexto de jardim de infância, acerca da problemática da inter/multiculturalidade na educação pré-escolar. O estudo desenvolve-se no âmbito da prática de ensino supervisionada em educação pré-escolar.

A escolha do tema apresentado, “A Multiculturalidade na educação pré-escolar. Estratégias de integração” foi feita no início do estágio. Esta escolha decorreu do facto de ter chegado à sala de atividades uma criança filha de pais imigrantes, oriundos de Itália e do Canadá, apresentando algumas dificuldades de integração no contexto. Esta criança, ao chegar à sala, não pronunciava qualquer palavra na língua portuguesa, devido ao facto dos pais não serem portugueses e de terem passado os últimos meses sem qualquer contacto com o português.

Assim, aproveitei para juntar este acontecimento ao facto de ter um interesse pessoal em todo o trabalho realizado por um educador para integrar uma nova criança no grupo e, em particular, uma criança de cultura diferente. Tratando-se da integração de uma criança filha de imigrantes o meu estudo centra-se na problemática da multiculturalidade e da educação intercultural, com particular atenção na educação das crianças e jovens enquanto cidadãos ativos de uma sociedade que ainda se apresenta marcada por preconceitos para com aqueles que não preenchem os requisitos impostos pela sociedade dominante.

Pretendo compreender e conhecer métodos usados para ajudar com a integração da criança, supramencionada, no novo grupo. É importante referir que estes são alguns dos métodos que poderão ser usados com algumas crianças, sendo que os métodos de ensino são diferenciados de criança para criança, pois todas as crianças são diferentes umas das outras.

Pretende-se mostrar o quão é importante a existência de uma boa relação entre o educador e o seu grupo, de modo a que possa existir um bom ambiente na sala e que os seus objetivos pedagógicos passem por «Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso de aprendizagem.» (OCEPE, 2007, p.15)

Neste relatório, é ainda apresentado o papel do educador/professor em relação à diversidade cultural presente nos jardins de infância ou nas escolas. Apresenta-se ainda

o papel das escolas em relação às diferenças culturais e como se deverá lidar com essas diferenças da melhor forma.

Capítulo 1. Enquadramento teórico – concetual

1.1 Multiculturalização da Sociedade Portuguesa

Durante alguns séculos, principalmente no século XIX e início do século XX, houve em Portugal um elevado número de indivíduos que emigraram para os mais diversos países do mundo à procura de trabalho devido à situação económica e política que o país atravessava. Até ao ano de 1960 os principais destinos da emigração portuguesa eram os países da América do Sul, nomeadamente Brasil e Argentina.

A partir do ano de 1973 existe um aumento da crise económica mundial com origem no choque petrolífero gerado pela guerra Israelo-Árabe. Esta crise fez com que a emigração tenha entrado num período de declínio acentuado, sendo que se começou a verificar um aumento da emigração temporária (igual ou inferior a um ano) e a uma diminuição de uma emigração permanente (superior a um ano).

Com a revolução de 25 de abril de 1974, assiste-se a um processo inverso: ao aumento da imigração rumo a Portugal, principalmente nos anos 80. Os anos 90 foram caracterizados por uma consolidação e crescimento da população estrangeira residente em Portugal, contudo até cerca de 1992 os números da emigração eram ainda superiores aos números da imigração. Só a partir de 1993, aproximadamente, é que se começa a verificar uma inversão de forma gradual, ou seja, o número de imigrantes começou a ser superior ao número de emigrantes.

Após a imigração se ter instalado em Portugal, o nível de imigração começou a ser de forma permanente e teve como principal foco de estabilização a agricultura e a construção civil. Os primeiros indivíduos a imigrarem rumo a Portugal eram provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), seguindo-se as migrações por parte dos indivíduos dos países de Leste rumo a Portugal.

Entre 1975 e 1999 a imigração aumentou de uma forma gradual, e de 30 mil imigrantes passou para 191 mil; já entre o ano de 2000 e o de 2002 esse número aumentou mais do dobro chegando mesmo a atingir cerca de 450 mil pessoas imigrantes legalizados, sendo que não nos podemos esquecer da existência de imigrantes que estavam em processo de legalização e até mesmo os imigrantes ilegais no país. Todos estes números revelam que cerca de 6% da população é culturalmente diferenciada na sociedade portuguesa, «Presentemente fazem parte da sociedade portuguesa cidadãos

oriundos de quase todos os países do mundo, [...], fazendo de Portugal um país crescente étnico e culturalmente heterogéneo.» (Casa-Nova, 2005, p.184).

De acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) em 2011, o distrito de Lisboa era o distrito com maior número de imigrantes, contendo aproximadamente 50% desta população, seguindo-se os distritos de Faro, Setúbal e Porto. Ainda segundo o SEF, em finais de 2011 a população estrangeira residente em Portugal era de 436 822 de cidadãos. Sendo que quase metade deste total (47,9%) é de população oriunda da língua portuguesa como o Brasil, Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau. Os outros países com maior predominância são a Ucrânia e a Roménia.

Já segundo o Instituto Nacional de Estatísticas (INE), no ano de 2011 Portugal contava com aproximadamente 10 562178 da população residente no país, dos quais 5046600 eram do sexo masculino e 5515578 eram do sexo feminino. Até à data dos últimos censos realizados (2011) havia cerca de 394496 de cidadãos de nacionalidade estrangeira em Portugal ocupando cerca de 3,7% total da população. É de referir que estes números são relativos às pessoas estrangeiras legalizadas em Portugal, assim não podemos esquecer os cidadãos que estão ilegais no país.

É no Algarve que se verifica um maior número da população imigrante residente, sendo que no Algarve ocupam cerca de 12% da população total algarvia, seguindo-se Lisboa, Alentejo, seguindo-se a Região Autónoma da Madeira e a Região Centro, já por último está a Região Autónoma dos Açores e a Região Norte.

Do que se tem verificado nos últimos anos a legislação tem sofrido algumas alterações, no que diz respeito à população estrangeira em Portugal, essas alterações têm contribuído para uma diminuição da população imigrante do país. Algumas dessas alterações tiveram impacto a nível do acesso à nacionalidade portuguesa, bem como o impacto da crise económica e financeira em Portugal, o que trouxe a redução do emprego e a alteração dos processos migratórios em alguns países de origem.

As mudanças na lei fizeram com que Portugal sofresse quebras no fluxo imigratório, reduzindo em 10,6% no ano de 2011 comparado ao ano anterior 2010. Em 2010 existiram cerca de 50747 emissões de primeiros títulos de residência, já em 2011 foram passados apenas 45369 títulos de residência.

Em 2011, Portugal ficou em segundo lugar no Congresso do Index de Políticas de Integração de Migrante. Este segundo lugar tem a ver com as melhores políticas de integração de imigrantes no país, ficando a Suécia acima de Portugal. Contudo, no que diz respeito às políticas de integração de imigrantes, no aspeto de reunificação familiar e

no acesso à nacionalidade, Portugal ficou em primeiro lugar. Já em relação à integração no mercado de trabalho, o nosso país voltou a ficar em segundo lugar. Todos estes dados são sujeitos a análises e a comparações entre trinta e um países da Europa. Estas avaliações são realizadas de três em três anos.

Podemos observar que nos últimos anos Portugal tem recebido, devido aos muitos movimentos migratórios, populações de diferentes países e com diferentes culturas e formas de vida. Para Cardoso (1996) «cultura é definida como sendo o conjunto complexo de crenças, costumes, conhecimentos, hábitos e tradições partilhados pelos membros de uma sociedade, transmitidos, principalmente, de geração em geração». Pode-se dizer que assim cultura é o que caracteriza cada grupo de sociedade para sociedade e as suas diferenças.

Assim pode-se constatar que nos últimos anos a sociedade portuguesa está a ser cada vez mais caracterizada por uma diversidade cultural em constante crescimento. Isto é o resultado das relações de Portugal com os outros países do mundo, onde há cada vez mais ligação e as ofertas de condições por vezes melhoram com as alianças que os países realizam entre si.

1.2 Multiculturalidade e Educação

«A educação, nunca é demais repeti-lo, ou é intercultural ou não é democrática.»

(Cochito, M., 2004, p. XI)

Portugal passou de país de emigrantes a país de imigrantes, um país acolhedor de outras sociedades e culturas, não só dos PALOP, mas também dos Países de Leste e do Brasil. Com esta reviravolta no âmbito da imigração, a educação multicultural passou a ser um dos assuntos mais importantes e abordados pelos políticos, professores e até pedagogos, tentando criar condições favoráveis a todos os indivíduos imigrantes que procuram em Portugal melhores condições de vida.

O fenómeno da multiculturalidade, com maior visibilidade nas maiores zonas suburbanas das principais cidades do país, reflete-se nas escolas e na sua população escolar: «A crescente diversidade étnica da sociedade portuguesa tem vindo a refletir-se, nos últimos anos, de modo significativo na composição demográfica, socioeconómica e

cultural das escolas. Esta realidade coloca novos desafios aos diversos níveis e agentes do sistema educativo» (Cardoso, C., 1996, p.5).

Para lidar com esta nova realidade tem-se defendido a necessidade de implementar na sociedade, e nas escolas em particular, práticas de educação que ajudem as sociedades a lidar com a multiculturalização. Deste modo vejamos o que Cortesão e Pacheco nos dizem acerca da palavra multicultural em que esta é entendida por eles como «uma constatação da presença de diferentes culturas num determinado meio de compreensão das suas especificidades» (Cortesão e Pacheco, 1991, p.34), pode-se dizer que remete-nos para as diferenças étnicas e linguísticas, mas também para as diferenças geográficas, socioeconómicas, religiosas e culturais existentes no nosso país face ao surto migratório atual. O multiculturalismo reconhece a existência de uma sociedade plural e diferenciada, «não no sentido de conduzir à existência de uma relação convencional plena entre todos, mas antes ao respeito» (Pinto, 2007, p. 30). Quando se fala em interculturalidade, esta remete-nos automaticamente para o conhecimento e respeito dos valores e pelo respeito ao próximo, sendo que segundo Cortesão e Pacheco é «Como um percurso agido em que a criação de oportunidades supõe o conhecimento/reconhecimento de cada cultura, garantindo, através de uma interação crescente, o seu enriquecimento mútuo» (Cortesão e Pacheco, *ibid*, p. 34). Assim podemos afirmar que o interculturalismo é acima de tudo o respeito pela diversidade de culturas existentes e a maneira usada para que nunca surjam conflitos entre as culturas, ou seja, é deveras importante que se respeite os comportamentos, as normas e os costumes de cada grupo (cultura), para que as possíveis intrigas sejam sempre resolvidas tendo como base o respeito e diálogo pelas diferenças culturais.

Com isto pretende-se mostrar que o multiculturalismo é a existência de várias culturas, etnias, religiões, ..., e o interculturalismo tem em conta o valor do respeito por essas diferenças e pela aceitação de todas as culturas e costumes de religião.

«A pedagogia intercultural desenvolve uma pedagogia da relação humana, pretendendo dar a oportunidade à criança de ela própria se situar, a cada instante, relativamente aos outros, procurando dar-lhe os meios para diversificar as suas referências e para viver as várias modalidades culturais do seu meio. Ela forma a criança para a comunicação, mesmo em situações conflituais.» (Cotrim, A. 1995, p.15)

A educação multicultural deve assim fazer com que as atitudes e os valores estabeleçam uma relação muito estreita pois ambos fazem parte do processo de

socialização de qualquer indivíduo e resultam do desenvolvimento cognitivo do mesmo, bem como do seu processo de maturação. De acordo com esta relação entre as atitudes e os valores «a aquisição das atitudes vincula-se ao processo de aquisição dos padrões cognitivos e comportamentais do ambiente e, fundamentalmente, das pessoas com as quais se convive» (Bolívar, 2000, p. 35).

A educação intercultural procura contrariar visões etnocentristas e de relativismo cultural. No etnocentrismo, falamos da tendência que há em se julgar e apreciar características dos outros grupos étnicos, bem como os seus valores, atitudes, comportamentos, tendo sempre por base as suas próprias características e os seus valores. O observador tende sempre a julgar os outros dizendo que são mais ou menos desenvolvidos e estranhos, quando os compara à sua própria cultura, mas este não pode esquecer que as culturas variam e que, por isso, não existem culturas mais ou menos desenvolvidas quando comparadas com outras, pois o que uma cultura pode ter muito desenvolvido numa outra cultura pode ser pouco desenvolvido, e vice-versa. No que diz respeito ao relativismo cultural este remete-nos para as características inerentes a uma cultura quando são julgadas, e esse ato deve ser realizado a partir de critérios próprios à cultura e não através de valorativos específicos de outra cultura.

O etnocentrismo e as suas visões estão na base de comportamentos e atitudes racistas e comportamentos de xenofobia. Neste sentido, falar de uma boa prática de interculturalismo em que este só é possível sem a realização de atos de racismo e xenofobia entre as sociedades. O racismo é um ato de discriminação, ou seja, é a forma diferenciada de como se trata as outras pessoas ou grupos por serem diferentes da pessoa que discrimina e que tem por base as suas etnias, sexo, religião, preferência sexual, classe social, cor da pele, entre outros aspetos. Nos dias de hoje ainda se verifica muito a existência de racismo entre as sociedades, apesar da evolução dos anos. Verifica-se um maior racismo no que diz respeito a condicionar o acesso a serviços sociais (saúde, emprego, educação e até mesmo habitação) a indivíduos que sejam de outras etnias diferentes à sociedade dominante. Este racismo ainda existe devido a algumas pessoas ainda considerarem que o indivíduo diferente é mais inculto, e que não tem cultura e moral como a restante sociedade, facto este que tem de que ser alterado, pois até mesmo dentro de uma sociedade não há duas pessoas iguais, sendo que todos são diferentes de todos. Já quando este racismo verbal passa para um modo de agressão baseado em ódio racial e de superioridade passa-se a chamar de “racialismo”.

Deste modo, quanto mais cedo se começar a educar a criança para a aquisição de valores antirracistas e valores interculturais em relação a outras culturas ou pessoas que de alguma forma são diferentes, mais cedo se pode evitar a assimilação de estereótipos e atitudes de discriminação perante o “outro”. Estes valores e atitudes deverão ser adquiridas logo em criança e deverão permanecer ao longo da vida de qualquer ser humano. Por isso é importante que se proporcione acontecimentos/momentos em que exista a possibilidade de um mútuo conhecimento, valorização e respeito nos vários momentos da vida de uma pessoa. A esta educação de valores e atitudes podemos chamar de educação para a cidadania, pois esta mostra um modo de se viver em comunidade perante as diferenças do “outro”.

Toda a aquisição de valores e atitudes deverá começar logo na infância de cada um. Assim todo o professor ou educador deve ter uma boa prática pedagógica que vá sempre ao encontro da aprendizagem de bons valores morais. É claro que para isso o professor/educador deverá ser inter/multicultural, e deverá estar bem ciente de todos os aspetos de dimensão cultural. Segundo Stoer (1994) citado por Leite e Rodrigues, na base da argumentação acerca do professor

«está a noção do professor/educador como agente promotor de uma democracia aprofundada cujo desenvolvimento depende em grande parte (...) de uma efectiva implementação do princípio de igualdade de oportunidades para o sucesso na educação escolar, o que depende, por sua vez, de uma atitude e de um comportamento inter/multicultural (anti-racista e anti-sexista) pela parte dos professores. (...) Reclama-se que um princípio ético e político de justiça social deve orientar não só as práticas pedagógicas dos professores nas escolas como também a própria selecção do saber para o currículo.» (cit. in Leite e Rodrigues, 2001, p. 24 e 25) .

Isto significa que a educação intercultural não é apenas o reconhecimento da diversidade cultural, nem de uma visão estereotipada e turística das culturas existentes no mesmo seio de uma sociedade. A educação intercultural é sim uma educação que dá a hipótese às crianças de serem educadas para um ‘bilinguismo cultural’, ou seja, educadas para que conheçam e respeitem não só as atitudes e costumes da sua cultura, mas também que conheçam e respeitem todas as outras culturas.

Assim pode-se concluir que para a existência de uma boa prática de interculturalismo numa sociedade é necessário o reconhecimento de diversas culturas, o reconhecimento do direito às diferenças culturais; é preciso haver relações e intercâmbios entre as pessoas, grupos e até mesmo instituições de diversas culturas; é necessário a construção de normas e linguagens comuns entre todos, e ainda a aquisição

dos meios técnicos de comunicação e negociação por parte dos grupos minoritários de modo a poderem afirmar-se como sendo grupos culturais.

1.2.1. Escolas Multiculturais

Com a grande presença de imigrantes e as diferentes etnias, os objetivos dos processos utilizados na educação pré-escolar têm variado ao longo dos anos, tornando a educação cada vez mais multicultural, de modo a que se possa criar mais igualdades de oportunidades para todos, e para que toda a população tenha acesso aos serviços públicos, como a educação, saúde, entre outros. Deste modo espera-se que as instituições escolares e os seus docentes deixem de ser caracterizados como monoculturais e passem a ser caracterizados como interculturais, pois cada vez mais é necessário emergir nessa direção, (re)conhecendo e aceitando cada vez mais as diferenças e a maior diversidade cultural que existe não só em Portugal, mas em todo o mundo. Assim, quando se aborda a problemática da educação, espera-se que esta seja sempre a melhor possível, e espera-se que seja também qualificada para a problemática do multiculturalismo, pois é cada vez mais visível nas sociedades uma enorme diversidade de culturas. Assim espera-se que a comunidade educativa consiga transmitir conhecimentos e valores às suas crianças logo desde cedo, e ainda seja capaz de dar a cada uma delas a capacidade de assumirem as suas particularidades no que diz respeito ao universal, como por exemplo, enquanto pessoa mostrar a sua dignidade, a sua razão, a sua liberdade de consciência e os seus direitos enquanto ser humano. Deste modo espera-se que as escolas englobem nos seus regulamentos internos um,

«conjunto de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas ao nível do sistema, de escola e de classe, cujo objectivo é promover a compreensão e tolerância entre indivíduos de origens étnicas diversas através da mudança de percepções e atitudes com base em programas curriculares que expressem a diversidade de culturas e estilos de vida.» (Carrington; Short; 1989, cit Cardoso, 1996 p. 12)

Neste sentido, a educação para os valores deverá estar desde já presente na educação pré-escolar, ou seja, deve estar presente logo a partir do momento em que a criança entra para o jardim de infância. Podemos encontrar esta vertente dos valores, na

área de conteúdo de Formação Pessoal e Social, essa que é transversal a todas as outras áreas. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) «a educação pré-escolar constitui um contexto favorável para que a criança vá aprendendo a tomar consciência de si e do outro (...) a educação pré-escolar tem um papel importante na educação para os valores» (OCEPE, 2007, p.52). Por esta razão é necessário que todos os jardins de infância realizem as suas práticas educativas apoiadas num conceito “escola inclusiva”, conceito este que se torna cada vez mais importante no mundo atual. De acordo com esta prática, as atividades planeadas devem satisfazer o conceito de “escola inclusiva”, abrangendo todas e quaisquer crianças. O plano de atividades deverá ser realizado de acordo com o grupo e somente com o grupo, principalmente de maneira a que se possa dar igual relevância a todas as crianças, de modo a que sejam tidas em conta todas as características individuais do seu desenvolvimento e aprendizagem. É preciso criar um currículo intercultural desde cedo, para que a educação de hoje se manifesta nas atitudes de amanhã. Quando se trabalha para as crianças, deve-se ter em atenção a diversidade existente nas escolas pois esta deverá ser entendida como uma riqueza a explorar, de modo a que a manifestação de diversidade e heterogeneidade que se compõe através de cada sujeito em que este é um ser único e as suas próprias características possam compor assim um enriquecido corpo escolar. Desta forma e devido à grande diversidade multicultural que existe hoje em dia nos jardins de infância e nas escolas, as práticas pedagógicas dos educadores e professores devem atender a essa mesma diversidade e às necessidades de cada criança.

Espera-se que a igualdade de oportunidades no acesso à educação seja um direito para todas as crianças e adultos, por isso é imprescindível que haja uma abertura por parte das escolas e instituições para acolher qualquer criança na vida educativa. Quando se fala em igualdade de oportunidades, estamos a referir o facto de se dar oportunidade a todos os indivíduos imigrantes, de terem acesso aos mesmos serviços e ofertas que a sociedade dominante tem para oferecer a toda a sua comunidade, seja ela de que etnia e cultura for.

Hoje em dia, podemos afirmar que a escola é todo um reflexo da sociedade em que vivemos, por isso torna-se assim imprescindível aceitar estratégias que sejam capazes de favorecer as mudanças necessárias, através das práticas educativas, para que estas possam dar resposta a uma diversidade e heterogeneidade em que a sociedade vive e que se reproduz. Todos os cidadãos têm os mesmos direitos enquanto indivíduos, bem como necessidades e desejos diferentes, e cabe à escola poder proporcionar alguns

desses desejos bem como conseguir mudar as mentalidades das pessoas acerca da problemática.

Uma escola tem todo o dever de ser uma escola intercultural, uma escola onde a teoria e a prática se unem na construção de um conceituado projeto educativo. Uma escola onde se gera uma aprendizagem baseada na participação social e que se insira na sociedade sendo “gerida” de uma forma participada e democrática. Uma escola intercultural não permite o racismo e a discriminação, mas sim reflete acerca das desigualdades da sociedade e tenta combater essas mesmas. «Uma escola que não pretende ser uma miniatura ou uma réplica da sociedade que a cerca, mas que faz parte da sociedade envolvente e como tal experimenta os mesmos conflitos, ao mesmo tempo que procura meios participantes de os resolver» (Cochito, 2004, p.14).

É de extrema importância que a escola multicultural não seja só um título a possuir mas que demonstre que o merece ter. Deste modo as escolas devem tentar abranger nos órgãos escolares todos os pais dos alunos referentes às minorias étnicas e ainda conseguir criar projetos multiculturais que envolvam todos os intervenientes no processo educativo.

1.2.2. O papel do educador inter/multicultural

Pretendendo-se educar as crianças de forma a se inserirem numa sociedade multicultural, deve-se utilizar práticas educativas que fomentam a cidadania de acordo com as características das crianças: «Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade.» (OCEPE, 2007, p.20)

A educação é um processo de trabalho continuado e aberto do ser humano. É continuado pois é extensivo ao longo do seu percurso vital, e é aberto porque é um constante lidar com possíveis aprendizagens diferenciadas. Não pode haver um desenvolvimento correto do ser humano, sem que haja uma intervenção pelo “Outro”, e pela sociedade. É através destes processos que se toma consciência do eu e do outro, e que são possíveis todos os processos mentais que nos distinguem enquanto seres humanos. Algo que nos faz ser um ser humano melhor é o conhecimento, a experiência

e a interação que estão intrinsecamente ligados e que estão constituídos mutuamente, ou seja, só são possíveis os três juntos.

Para tal, a formação de professores/educadores para a educação multicultural é de uma importância crucial e exige que este participe em diversos projetos que o possam ajudar no sentido de inovar o seu currículo. Um aspeto que distingue um educador monocultural de um professor inter/multicultural é a transição do reconhecimento ao conhecimento das diferenças culturais. Não importa só reconhecer a existência de diversas culturas é importante conhecer as diferentes culturas, e trabalhar sobre ela, de modo a que o seu conhecimento possa evoluir para assim transmiti-lo da melhor forma aos seus educandos. É importante assegurar-se que na formação de novos professores/educadores, estes não vejam a educação multicultural como algo que está na moda e que continuem posteriormente com práticas monoculturais e discriminatórias, ao invés de colocarem em prática os conhecimentos necessários para se tornarem professores/educadores inter/multiculturais.

Assim é necessário que o educador tenha sempre em vista o bem da criança, devendo sempre arranjar formas de trabalhar com todas as crianças, integrando sempre cada uma delas no grande grupo, independentemente da sua cultura. Cabe ao educador a tarefa de fazer ver que a diversidade é um fator de extrema importância para o grupo, uma vez que permite desenvolver conhecimentos específicos acerca de cada criança e de diferentes culturas, bem como deverá usar diferentes dispositivos de trabalho de modo a fomentar esta igualdade dentro da sala. Estes dispositivos deverão ser algo que tente minimizar a diferença da cultura existente dentro e fora da sala de atividades, assim,

«[...]os dispositivos de diferenciação pedagógica são propostas educativas que visam constituir uma «boa ponte» na ligação necessária entre a cultura e a da comunidade envolvente, comunidade essa representada através da presença dos alunos na instituição. / Só será possível construir um destes dispositivos se o professor tiver consciência da diversidade cultural em que trabalha.» (Stoh e Cortesão, 1999, p.60).

A educação não pode ser pensada como um fenómeno conjuntural mas sim estrutural. Segundo Rodrigues (2001), é necessário (re)conhecer modelos de intervenção que permitam efetuar mudanças de práticas e atitudes.

Os dispositivos e qualquer tipo de materiais usados para uma diferenciação pedagógica têm como dever criar uma proposta de trabalho de forma a ser possível criar

uma comunidade de culturas dentro de uma outra comunidade, onde todos se respeitem e interajam de uma forma civilizada.

É preciso que as crianças e os jovens reflitam sobre as diferenças culturais, mas não de uma forma arrogante ou de vitimização, muito pelo contrário; é preciso que reflitam de forma a agirem sob essas diferenças para que se possa combater as discriminações. É preciso criar cidadãos que aprendam a tirar proveito da complementaridade entre as pessoas diferentes e que se comprometam a contribuir para uma melhor sociedade, ajudando na construção de uma sociedade onde todos são iguais e se sentem iguais, tanto em deveres como em direitos.

Para Rodrigues (2001), Leite (2001) e Zabalza (1999), é necessário que a escola quebre o tradicionalismo, pelo qual é caracterizada, partindo do desenvolvimento da diversidade curricular, como uma oportunidade de enriquecimento da oferta formativa da própria escola. Perante esta visão da escola, já reconhecida há muitos anos, Perrenoud (1996) declara que a escola deverá obter a chamada “educação libertadora”, ou seja, «uma educação em que o «velho discurso», que alude a uma sociedade cognitiva, dá lugar a uma política educativa baseada na filosofia onde a heterogeneidade dos indivíduos é vista como factor de crescimento» (Ribeiro, Cavalcanti e Cruz, 2010).

A função das escolas e dos jardins de infância, é a de formar jovens que reconheçam as diferenças culturais existentes e como estas implicam atitudes e comportamentos diferentes, promovendo a existência de um contato real e também de um trabalho em conjunto entre pares. Isto faz com que se tornem conhecedores de algo que ultrapassa a estereotipização do outro e vem evitar que haja relações de dependência, caridade e até mesmo de falsas colaborações. Este trabalho só é possível se as crianças tiverem ao seu lado um bom educador, um educador que tenha uma visão bem formada acerca das diferenças culturais e que saiba gerir essas diferenças de modo a torná-las semelhantes. De acordo com Vygotsky, o educador intervém na zona de desenvolvimento pessoal da criança, fazendo o papel de “guia”, ou seja, a criança tem tendência a imitar sempre o adulto mais próximo. Ainda segundo Vygotsky «Aquilo que a criança pode fazer hoje em cooperação, será amanhã capaz de fazer sozinha» (cit. em Vasconcelos, 1997, p.37).

É mais do que evidente que é necessário tomar medidas para que haja uma implementação de políticas interculturais, promovendo a inclusão e um currículo escolar que ajude a promover uma inovação educativa fundamentada nos processos de construção e participação social, de modo a que os alunos possam trabalhar num

ambiente de bilinguismo cultural. Com as adaptações curriculares necessárias surge a importância de se implementar a diferenciação pedagógica dentro das salas de aula ou de atividades.

A Educação Intercultural está assente no princípio da “escola para todos”, no caminho do desenvolvimento e implementação da inclusão dos alunos culturalmente diferentes da cultura padrão da sociedade dominante. Procura-se também que os professores deixem de ser monoculturais e passem a ser interculturais, pois é necessário «Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;» (OCEPE, 2007, p. 15). Não podemos esquecer que para se ter uma Educação Intercultural é preciso que haja um “verdadeiro momento” a favor da inclusão dos alunos diferentes tanto a nível físico, como cognitivo e cultural. Esta Educação Intercultural ligada à Educação Inclusiva deve ter começo desde da educação pré-escolar.

A nível da educação pré-escolar esta é igual a todos os outros ciclos, o educador deve trabalhar sempre em prol da criança, trabalhando assim de modo a dar importância à Zona de Diferenciação Pedagógica (ZDP), contudo o educador deve sempre trabalhar de modo a incluir todas as crianças no grande grupo em que estão inseridas, partindo das características específicas de cada uma.

Um bom educador de infância deve potencializar um ambiente educativo aberto à inclusão e à heterogeneidade presente na sua sala, para que estes fatores se possam tornar nos “pilares” da Intervenção Precoce, e que a educação vá mudando ao longo dos tempos sempre para melhor.

É preciso que um educador não seja monocultural, para que não veja a diversidade cultural como um défice que é preciso compensar e, também para que não veja a heterogeneidade como um obstáculo. É sim deveras importante que seja um educador intercultural e que tenha disponibilidade para uma prática pedagógica diversificada e global de forma a mostrar que todas as diferenças são afinal semelhanças culturais vistas de outro ponto de vista.

Tal como não existe uma escola perfeita, também não existem educadores e professores perfeitos. O perfil acima mencionado mostra-nos apenas o perfil de um professor disposto a refletir e a investigar sempre sobre os novos desafios, é um professor que é simultaneamente insatisfeito mas confiante, é um professor que é capaz de motivar e de se auto-motivar.

1.3 A consagração da educação inclusiva na Lei de Bases do Sistema Educativo e nas Orientações Curriculares

Tendo como pressupostos as afirmações abrangidas no princípio geral da Lei-Quadro da educação pré-escolar (Decreto-Lei n.º Lei n.º 5/97, de 10 de Fevereiro), podemos afirmar que «a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário».

Nos dias de hoje é fundamental que todas as crianças frequentem e sejam devidamente integradas na educação pré - escolar não só com idades compreendidas entre os três e os seis anos, mas também, logo a partir dos três meses, pois o jardim de infância e a creche são lugares especializados para ajudar no desenvolvimento pessoal e cognitivo de todas as crianças. Sendo que estas idades fazem parte da primeira etapa da Educação Básica da vida de uma criança, em que visa o desenvolvimento integral da criança tendo características próprias o que a distingue dos outros níveis de ensino, tendo em conta ambientes educativos estimulantes, acolhedores e conhecedores das aprendizagens ativas e de experiências significativas, constituindo muitas vezes o seu primeiro contacto com um mundo social para além do ambiente familiar.

Um dos serviços públicos a que todas as pessoas têm o direito a ter acesso é à educação, por isso, a educação deve ser acessível a todos os indivíduos sejam eles de que etnias forem. Acima de tudo são todos seres humanos e como tal todos têm os mesmos direitos. Assim pode-se afirmar que Portugal apresenta uma lei de bases do sistema educativo onde se expressa a importância de trabalhar no sentido de promover o multi/interculturalismo.

Para começar é importante explicar que o «sistema educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade» (Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005).

Perante a lei de bases do sistema educativo, a igualdade de oportunidades deve ser permitida a todas as pessoas independentemente das suas etnias, da sua cultura e até

mesmo da sua condição socioeconómica, pois todas elas têm direito a ingressar e a participar no sistema educativo. O Estado tem como obrigação promover a democratização do ensino, de modo a garantir uma igualdade de oportunidades no acesso à educação e o posterior sucesso escolar.

Outro dos princípios gerais do Sistema Educativo é que este contribua para um desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade de cada um, incentivando uma formação para que sejam cidadãos «livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho» (Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005).

O Sistema Educativo deve ainda certificar o direito à diferença, o respeito pelas diferentes personalidades e ter consideração e valorização pelos diferentes saberes e culturas, recorrendo assim ao respeito pela multiculturalidade cada vez mais frequente nas escolas levando a que haja um respeito pelos valores e crenças que nos trás a interculturalidade.

Já no que diz respeito ao pré-escolar, a lei de bases diz-nos entre alguns dos seus objetivos que se deve «Fomentar a integração da criança em grupos sociais diversos, complementares da família, tendo em vista o desenvolvimento da sociabilidade» (Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005).

Relativamente, ainda, à educação pré-escolar, esta não tem um programa explícito onde vem mencionado o que a criança deve adquirir e aprender, nem o que deve de ser ensinado em cada período letivo, porque é desadequado a este nível. Contudo foram definidos um conjunto de Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (designadas de OCEPE, a partir daqui) que, tal como o nome indica, são orientações de modo a dar a conhecer alguns aspetos importantes para o desenvolvimento da criança ao longo de toda a sua educação pré-escolar, sendo que não apresentam metas específicas e o tempo em que se deve trabalhar com as crianças com idades até aos cinco/seis anos.

Acima de tudo é preciso definir o que é realmente a educação pré-escolar, e esta

«[...] é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.» (Departamento da Educação Básica, 1997, p. 19).

Assim denota-se que a educação é uma fase bastante importante na vida de qualquer indivíduo, pois é nesta fase que todo o adulto ganha autonomia e é a fase em que se começa a formar a personalidade da pessoa.

O artigo 10.º da Lei n.º 5/97 da Lei Quadro da Educação Pré-Escolar, apresenta-nos os objetivos da educação pré-escolar, entre os nove objetivos apresentados, aqui salientamos apenas alguns que achamos mais direcionados para o tema deste relatório. Começamos por mostrar um dos objetivos que diz que é preciso «Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, o respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;» (Departamento da Educação Básica, 1997, p. 22). Querendo isto dizer que se deve desde logo dar a oportunidade da criança se reconhecer como ser humano e consequentemente como membro de uma sociedade, mostrando que esta é constituída por diferentes características próprias e mostrar ainda que não existe apenas um tipo de sociedade, mas sim que existem inúmeras sociedades e que cada uma delas tem as suas características específicas, e que como tal todas devem ser respeitadas de igual forma. Mas só se pode respeitar as mais diversas sociedades se em primeiro lugar nos respeitarmos a nós mesmos enquanto seres humanos, e reconhecermos as nossas características pessoais e respeitá-las acima de tudo, pois só se respeitando a si próprio primeiramente é que se pode respeitar o “outro”. Assim deve-se «Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incluindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;» (Departamento da Educação Básica, 1997, p. 22).

No que diz respeito às OCEPE, estas são «um conjunto de princípios para apoiar o educador nas suas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças» (OCEPE, 2007, p. 13). Assim estas são uma referência para todos os educadores de infância de Portugal, em que estes usam as OCEPE de forma a melhorar sempre a sua prática educativa para um bom desenvolvimento da criança ao longo da sua primeira infância.

As OCEPE vêm dizer que a educação deve ser para todos, devendo existir um respeito pelas diferenças, incluindo aquelas crianças que não estão dentro dos “padrões normais” incutidos pela sociedade. Sendo que é dever da educação pré-escolar dar respostas a cada criança através de um educador qualificado e que tenha um espírito aberto às diferenças e que isso se reflita numa boa prática pedagógica.

É importante que haja uma “escola inclusiva” e para tal «a educação pré-escolar deverá adotar a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, responda às necessidades individuais» (OCEPE, 2007, p. 19). É essencial que o educador trabalhe sempre em função da criança e das suas características individuais, e deverá trabalhar sempre segundo a sua zona de desenvolvimento proximal de modo a trabalhar em todas as fases de desenvolvimento da criança, para que a possa ajudar a progredir e não a regredir.

O educador deverá ter sempre em atenção o meio familiar em que a criança está inserida, de modo a ter em conta a sua cultura, para que a educação pré-escolar seja conciliadora entre a cultura em que a criança está a crescer e a cultura de que é oriunda.

«A educação multicultural não pode deixar de constituir hoje uma componente fundamental na formação das nossas crianças e jovens» (Souta, 1997, p. 44)

Capítulo 2. Atividades desenvolvidas

2.1 Procedimentos metodológicos

2.1.1. Objetivos e questões do estudo

Para a elaboração do presente relatório, foi necessário colocar algumas questões e objetivos orientadores do que se pretendia estudar. Deste modo o atual relatório teve como pano de fundo as seguintes questões orientadoras e objetivos:

- Como é feita a integração da criança no grupo;
- Qual o papel da educadora junto da criança;
- São realizadas práticas de educação inter/multicultural?
- Contribuem as práticas de educação intercultural para uma melhor integração de crianças de culturas diferentes?

2.1.2. Público-alvo

O estudo aqui apresentado foi realizado no decurso da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, numa sala de jardim de infância, em Faro. O grupo que constituía a sala era composto por vinte e uma crianças. Sendo que era um grupo com crianças entre os três e os seis anos. Neste grupo onze das crianças já frequentavam esta sala e, das dez novas crianças, apenas três não tinham frequentado qualquer tipo de jardim de infância, pelo que era a primeira vez que frequentavam um.

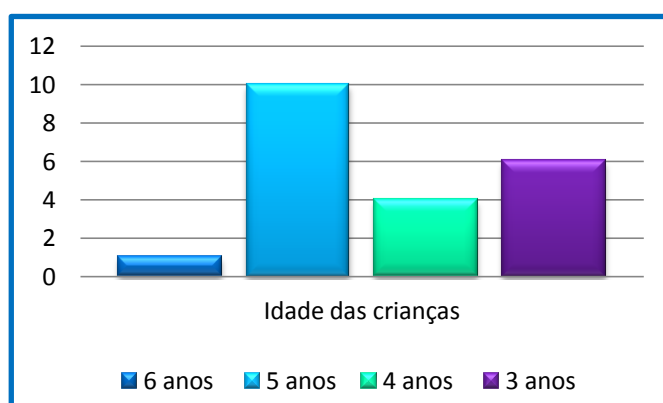


Tabela 1 - Tabela de idades do grupo

Este era um grupo heterogéneo, constituído por diversas crianças com algumas especificidades que o tornavam num contexto marcado pela diferença e que passamos a referenciar:

- a) Existência de uma criança com Síndrome de Down acompanhada duas vezes por semana por uma professora de apoio, disponibilizada pelo Ministério da Educação para acompanhar a criança diretamente, mais propriamente em terapia da fala. Esta criança apesar das suas características era bastante autónoma, precisando mais de ajuda de orientação nos trabalhos individuais.
- b) Existência de uma criança de etnia africana, pertencendo a uma família muçulmana. Apesar dessa especificidade, tanto a criança como a família participavam em todos os eventos e festividades proporcionados pelo jardim de infância, denotando-se assim na família uma certa preocupação em permitir que a criança participasse e se integrasse completamente no grupo.
- c) Existência de uma criança de nacionalidade Ítalo-Canadiana que, antes de chegar ao jardim de infância, não tinha ainda frequentado qualquer tipo de instituição. Esta criança não chegou logo no início do ano letivo, mas cerca de dois meses depois, o que se revelou complicado para a criança em termos de adaptação no restante grupo, que já tinha tido tempo para se conhecer e para criar grupos de amigos. É de salientar que esta criança não pronunciava quase nada em português, uma vez que tinha vivido algum tempo em Itália estando, por isso, habituada a outra língua diferente.

Este era um grupo com um bom nível das suas relações interpessoais. As crianças relacionavam-se todas extremamente bem, sendo que a educadora prezava muito a boa relação interpessoal entre o grupo. Na hora de brincar, o grande grupo dividia-se em pequenos grupos onde se agrupavam muito através do nível etário, não de uma forma propositada mas sim de uma forma muito natural.

2.1.3. Opções metodológicas

Para a realização deste relatório foi necessário definir qual a melhor metodologia para concretizar o estudo. Como refere Sousa a metodologia é a «arte de dirigir o espírito na investigação (...)» (Costa & Melo, 1979, cit por Sousa, 1998, p.28), ou seja, é a forma de como se conduz uma investigação para um estudo a se realizar. Deste

modo, existem diversas formas de se elaborar uma metodologia para que se consiga estudar de modo a obter as respostas necessárias para se conseguir responder às questões e objetivos delineados para o relatório. Pela natureza do seu objeto de estudo a investigação qualitativa é a que mais se adequa na medida em que «Em vez da procura de leis que possam ser extensíveis a toda a população, os estudos deste tipo procuram compreender os mecanismos, o *como funcionam* certos comportamentos, atitudes e funções» (Sousa, 2005, p.31). Segundo Sousa, a investigação qualitativa é uma fonte direta de dados no seu meio natural em que a descrição e a compreensão dos acontecimentos são mais importantes do que a natureza em que estes surgem, bem como é mais importante os significados e os sentidos que estes têm do que os resultados propriamente ditos. Numa investigação qualitativa os investigadores «interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos» (Bogdan & Biklen, 1994, p. 49), para estes autores o mais importante é o processo em que está a decorrer a sua investigação e como está a decorrer, e não propriamente os resultados que irão obter no final, pois muitas vezes os resultados podem não ser resultado do que foi observado até então.

É uma metodologia de carácter participativo e colaborativo que segue as fases de ação, observação e reflexão, implicando o registo das observações e sua análise crítica.

Este relatório resulta ainda de uma investigação-ação, que consiste num processo onde os seus participantes devem analisar as suas práticas educativas de uma forma consciencializada, reflexiva, sistemática e aprofundada, usando sempre técnicas de investigação. Esta metodologia pode, ainda, ser comparada a um processo em espiral que anda em redor da ação e de uma reflexão crítica. Para uma investigação decorrer da melhor forma possível é necessário que se reflita constantemente, sendo através dessa reflexão que o investigador vai melhorar os seus métodos de forma a obter sempre os melhores resultados para a sua investigação. Sabe-se ainda que o termo usado para explicar esta metodologia, surge na década de 40 e parte da junção de várias metodologias, essas capazes de proporcionar uma ação mais vantajosa e que se centrem numa reflexão crítica e nas atitudes práticas que acabam por ser um começo de possíveis teorias. É de salientar ainda que a investigação-ação é uma metodologia muito usada nas instituições educativas.

Esta metodologia permite que haja uma ligação entre a investigação e a sua aplicação em termos práticos no processo educativo. No final de toda a investigação pretende-se obter respostas que sejam úteis numa prática educativa dos intervenientes

da investigação, mas também que possam ser transmitidas a outras pessoas interessadas no estudo e posteriormente aplicadas pelas mesmas.

A investigação-ação rege-se por seis princípios orientadores para o investigador, entre os quais se salientam três, sendo eles:

- A crítica reflexiva, onde se pretende uma reflexão acerca dos assuntos e processos a serem investigados;
- Uma crítica dialética, promove o diálogo entre os diferentes elementos permitindo assim uma troca de conhecimentos;
- Cooperação, pois é necessário que haja uma grande cooperação entre todos os participantes da investigação, de forma a levar até ao fim a investigação sempre pelo melhor.

2.1.4. Técnicas e instrumentos de recolha da informação

No presente estudo a recolha de informação para o estudo foi realizada recorrendo a diversos instrumentos, tais como:

- ✓ Notas de Campo, que foram sendo registadas nos documentos que integram o portefólio;
- ✓ Observação participante;
- ✓ Registos em grelha;
- ✓ Registos fotográficos;
- ✓ Análise documental

Todos estes instrumentos de trabalho me ajudaram a obter respostas, para uma enriquecida construção do relatório aqui apresentado. Assim as notas de campo foram construídas com o intuito de se registar a evolução da criança num período de tempo; perceber como era o dia-a-dia da criança na relação com os seus colegas do grupo e até mesmo com os restantes colegas das outras salas.

Quanto à observação participante, esta foi realizada ao longo do estágio, e teve como principal função não só poder observar a criança como, ao mesmo tempo, ter a possibilidade de participar diretamente nas atividades propostas e de interagir

diretamente com a criança ao longo do período de tempo que decorram as observações. A escolha por uma observação participada deveu-se ao facto em que «o observador participa na vida do grupo por ele estudado» (Estrela, 1986, p. 32). Na observação participante o observador-participante deverá ter um papel bem definido, junto do grupo em estudo. Para Wilson, citado por Estrela «a observação participante é, fundamentalmente, uma técnica de análise qualitativa do real, centrada na interpretação dos fenómenos, a partir das diversas significações que os participantes na acção lhe conferem» (Wilson, cit. por Estrela, 1986, p. 35), com esta afirmação, podemos reter que de uma observação participante se conta essencialmente com os dados que os participantes no estudo deixam transparecer para o observador, de modo a que este possa tirar as suas análises de uma forma qualitativa.

Em terceiro lugar foram criados registos fotográficos da criança ao longo do tempo para que possa ficar registado as atividades desenvolvidas, uma imagem real das atitudes da criança e das suas expressões de satisfação ou insatisfação naquilo que estava a ser realizado no momento.

Os resultados obtidos com as observações foram registados em grelhas de observação, para obter uma maior síntese e análise de todos os dados recolhidos e conseguir focar nos pontos cruciais do estudo. Quivy e Campenhoudt (1998) afirmavam que a análise dos dados obtidos tinha dois objetivos concretos «o primeiro objetivo desta fase de análise das informações é, a verificação empírica», já o segundo objetivo que mencionavam era o de «interpretar estes factos inesperados e rever ou afinar as hipóteses para que, nas conclusões, o investigador esteja em condições de sugerir aperfeiçoamento do seu modelo de análise ou de propor pistas de reflexão e de investigação para o futuro» (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 211).

Foram ainda elaboradas duas análises documentais, uma ao projeto educativo do jardim de infância e outra ao projeto curricular de grupo. Estas análises foram realizadas com o intuito de observar se estava registado nestes documentos a prática de uma educação em prol da inter/multiculturalidade, onde procurámos saber se a instituição e a educadora tinham em causa a preocupação com a igualdade de oportunidades e com o respeito pelas diferenças culturais.

Após a análise dos dados recolhidos, procurou-se responder às questões que nortearam o estudo.

2.1.5 Planificação das ações

1.º - Elaboração das grelhas.

Ao longo da prática de ensino supervisionada foi preciso realizar registos que pudessem sustentar a realização do presente relatório, como tal, foi preciso ter em atenção o registo das planificações do que iria ser realizado para se poder tirar notas credíveis para este relatório.

Como tal foram criadas três tabelas para recolha dos dados observados de modo a que pudesse guiar-me enquanto tirava apontamentos, e para que pudesse organizar as ideias da melhor maneira possível, sendo posteriormente legíveis a quem quisesse consultar.

Deste modo as tabelas usadas tinham como intuito a organização dos registos diários da criança, bem como registar a interação verbal e física da criança em três períodos de tempo; a última tabela deu apoio aos apontamentos retirados na execução da atividade.

A primeira tabela (anexo II) será a tabela onde irá constar um registo diário com a duração de aproximadamente um mês, durante a prática de ensino supervisionada. Esta tabela foi elaborada com o objetivo de registar as principais reações e afazeres da criança em estudo e colocar simultaneamente algumas observações do que foi examinado no comportamento da criança. Ao longo da tabela estarão algumas observações que se resumem num pequena conclusão de todas as notas retiradas através da tabela acima apresentada.

A segunda tabela (anexo III) foi criada com o intuito de se registar a evolução das interações verbais e das interações físicas da criança para com a sua educadora, com as estagiárias, com o grande grupo e com a assistente operacional. Estes registos foram efetuados no decorrer dos três trimestres em que decorreu a prática de ensino supervisionada, tendo uma tabela para cada trimestre. Assim como a primeira tabela, também esta terá uma pequena conclusão do que se pode concluir ao observar a tabela.

Por último, construiu-se uma tabela (anexo IV) com o intuito de registar as observações efetuadas ao longo da atividade programada para este relatório. Nesta tabela apenas se pretendia registar a forma como a criança se comportava ao falar

perante o grande grupo. Sendo que esta era apenas uma tabela de apoio ao texto que seria posteriormente elaborado para descrever a atividade e as reações da criança.

2.º - Conceção e planificação de uma atividade de educação intercultural

Procedeu-se à planificação de uma atividade com os seguintes objetivos: a) observar a criança em causa, frente ao grande grupo, os seus comportamentos e reações, bem como a sua relação com os colegas, com a educadora e com a assistente operacional; b) dar a conhecer às crianças uma nova cultura e os seus costumes e tradições, bem como mostrar que existem valores iguais em todas as culturas apesar das diferenças existentes.

Partindo do reconhecimento de que a presença da família seria importante para a promoção do processo de inclusão da criança na sala, conjuntamente com a educadora foi planeada uma atividade nesse sentido. O objetivo era colocar a família a falar da sua cultura e das diferenças que existem na cultura deles e da cultura onde estão agora inseridos. Deste modo a criança também é chamada a falar ao seu grupo, e aí podemos observar o seu comportamento.

3.º - Análise documental do projeto educativo do jardim de infância

Ao lermos o projeto educativo (PE) percebemos logo que o jardim de infância pretende englobar no projeto não só o pessoal docente como as crianças, as educadoras, as professoras de ensino extracurricular, a psicóloga, o pessoal não docente, mas também englobar os pais, outras instituições de carácter social e até a comunidade envolvente da instituição. E logo por aqui podemos verificar que o jardim de infância tem como propósito aproveitar todos os recursos humanos que possa ter disponíveis.

O projeto educativo analisado tem como título “Nós e o Mundo”, e pretende a que haja uma boa integração da criança no mundo, porém pretende-se que esta integração seja feita de uma forma natural, valorizando muito a curiosidade da criança e o seu desejo de querer saber e compreender o mundo que a rodeia.

Este projeto educativo ainda pressupõe de uma «metodologia em que o acto pedagógico se centre nas necessidades e interesses da criança» (PE, 2011/2012, p.9). Ou seja, o principal interesse das educadoras presentes, é centrar as atividades pedagógicas sempre nas necessidades e interesses da criança, trabalhando deste modo para as crianças e não para os seus próprios interesses.

Este projeto educativo apoia-se nos oito objetivos gerais observados nas OCEPE entre os quais podemos constatar os seguintes:

- «- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade de culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;
- Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;» (OCEPE, cit. PE, 2011/2012, p. 19/20).

Como já foi referenciado anteriormente este projeto tem o nome de “Nós e o Mundo” e a justificação para este título vem pela necessidade de sensibilizar as crianças para o respeito pelo mundo em que vivem. Isto porque cada vez mais vivemos numa sociedade mais egocêntrica e consumista e deste modo pretende-se desenvolver nas crianças uma maior consciência e respeito acerca de si própria, respeito pelo outro e também pela natureza. Pretendem ainda abordar valores, importantes para a convivência em sociedade, como a solidariedade, partilha, amizade, respeito pela diferença, entre outros.

Para o projecto “Nós e o Mundo” foram criados alguns objetivos gerais, onde podemos encontrar alguns ligados à inter/multiculturalidade, percebendo deste modo que a instituição trabalha nesse sentido, apresentamos alguns dos objetivos assinalados no projeto educativo que mostram o empenho nesse sentido:

- «-Possibilitar a consciencialização de normas e valores culturais da comunidade envolvente;
- Promover atitudes que permitam à criança a sua inserção na vida social, numa perspectiva de educação para a cidadania;
- Reconhecer laços de pertença social e cultural, respeitando outras culturas;
- Desenvolver o respeito pela multiculturalidade, favorecendo uma progressiva consciência da criança como membro da sociedade;
- Ter noção do que é a solidariedade, auto-estima, a amizade, a inter-ajuda e a tolerância;» (PE, 2011/2012, p. 23)

Após analisarmos este PE, podemos chegar à conclusão de que as educadoras deste jardim de infância pretendem trabalhar em prol de uma educação inter/multicultural, de modo a ensinarem o respeito pelas diferentes culturas, a promover sempre a igualdade de oportunidades a todos os indivíduos, dar a conhecer a criança enquanto cidadão de uma sociedade e cultura mas, também, respeitar sempre todas as outras sociedades e culturas. Deste modo o educador dá a conhecer diversificadas culturas e as suas características.

4.º - Análise documental ao projeto curricular de grupo

Ao analisarmos o projeto curricular de grupo da sala onde foi efetuado o estágio, podemos verificar que existem referências ao multiculturalismo, e que a educadora preza por uma educação inter/multicultural.

Neste projeto curricular podemos observar que a educadora preza pela existência de uma articulação entre o estabelecimento educativo e todas as famílias de modo a que haja respostas mais adequadas tanto para as famílias como para as crianças. Deste modo a educadora afirma que é sua «intenção envolver os pais, pois é importante que estes como primeiros e principais educadores participem activamente no processo de aprendizagem dos seus filhos» (Simão, 2012/2013, p.5).

No que diz respeito às aprendizagens das crianças a educadora não se prende apenas à realidade da sala de atividades, mas sim à realidade da comunidade envolvente e dá igual importância às vivências das crianças e ao seu dia-a-dia. A educadora tenta também trabalhar com a comunidade aproveitando deste modo os seus saberes, para assim transmiti-los às crianças.

O facto de o grupo ser composto por uma heterogeneidade em características, interesses e necessidades é uma mais-valia para a educadora e até mesmo para o grupo, pois é mais fácil trabalhar em prol de novas experiências e de novos conhecimentos que cada criança pode transmitir ao restante grupo de acordo com a sua realidade.

“A heterogeneidade de características, interesses e necessidades do grupo gera um desafio à criação de ambientes e estratégias de aprendizagens, onde a diversidade de saberes proporciona, efetivamente, uma oportunidade e uma

mais-valia educativa para a construção de conhecimento e inerentemente, para o desenvolvimento de cada criança e do grupo.” (Fátima Simão, 2012/2013, p.7)

Apesar de a educadora trabalhar muito em grande grupo, esta defende que é importante trabalhar também de uma forma mais individualizada com o grupo, pois desta forma sente que é possível «que o educador consegue identificar quais as necessidades individuais, as principais necessidades, interesses, dificuldades e potencialidades de cada uma» (Simão, 2012/2013, p.9). Ou seja, esta é uma forma que permite ao educador refletir acerca da sua prática pedagógica, e para que possa planificar de uma forma mais adequada as suas atividades e estratégias de uma forma correta para o grande grupo e para cada criança em si, pois segundo Simão é «só através deste conhecimento e atitude reflexiva, o educador é capaz de propor actividades suficientemente desafiadoras, que interessem e estimulem as crianças, apoiando-as para que cheguem a níveis de realização que por si só não chegariam» (Simão, 2012/2013, p.9).

A educadora procura ainda «(...)ir ao encontro dos interesses e necessidades das crianças, criando momentos suficientes estimulantes e desafiadores, que contribuam para aprendizagens enriquecedoras» (Simão, 2012/2013, p.22).

Deste modo podemos apurar que a educadora pretende seguir a prática de uma educação multicultural, onde tem como base uma intencionalidade educativa para uma aprendizagem muito mais abrangente a vários temas e onde engloba as diferentes culturas, onde mostra respeito e interesse em passar o conhecimento de outras culturas e as suas diferenças às crianças, relativamente ao conhecimento que estas já têm adquirido acerca da cultura dominante em que estão inseridos. Nos pontos seguintes procurar-se-á dar conta de como a educadora colocou em prática estes pressupostos.

2.2 Atividades desenvolvidas: análise e interpretação de dados

2.2.1 A integração na sala: o papel da educadora

Após organizar todos os dados de uma forma ordenada e perceptível, passou-se ao momento de analisar os dados obtidos nos diferentes momentos em que foram registados.

Após verificar a tabela de registos diários que se encontra no anexo II, numa primeira fase, um mês após a chegada da criança os registos revelam que a mesma estava minimamente integrada no grupo, embora ainda que de uma forma um pouco reservada. Era uma criança que demonstrava imensa vontade em aprender o que lhe era proposto. Interessava-se completamente pelas atividades que eram propostas ao grupo mostrando sempre interesse em realizar todos os trabalhos sugeridos, fossem eles de cariz individual ou coletivo.

Ao longo da prática supervisionada foi possível observar a evolução da criança a vários níveis, como afetivo, na sua linguagem oral e escrita. No que diz respeito à linguagem, a criança passou a conseguir escrever o seu nome, e a articular algumas palavras em português de forma correta. No final do estágio, a criança estava mais participativa nas conversas em grande grupo, estava mais interativa nas brincadeiras com os seus colegas. Denota-se que a afetividade entre a criança e o restante grupo foi crescendo ao longo dos meses, de um modo em que já interagia com todos os colegas para trabalhar ou até mesmo para brincar. Era uma criança que queria sempre colaborar nas tarefas da sala, mesmo que fosse ir buscar os colchões para a sesta.

Com o avançar do tempo o acolhimento passou a ser realizado de uma forma sempre regular, sendo que este era uma criança que chegava sempre muito animada à sala, e que já tinha perdido um pouco a vergonha e começado a cumprimentar as educadoras de uma forma mais individualizada, como se encontra nos registos de observação, anexo II e posteriormente nas observações do anexo III.

Esta evolução positiva revela-se, igualmente, nos registos da interação verbal e da interação física da criança junto da educadora, das estagiárias, do grupo e da assistente operacional (anexo III).

O Zeca (nome fictício) no início quando chegou à sala era uma criança que não mencionava muitas palavras, sendo uma criança muito tímida. Ao fim de alguns dias é

que a educadora teve a oportunidade de ouvir a voz dele, pois não comunicava quase nada. Mesmo quando pedia para ir à casa de banho a criança limitava-se a jogar as mãos às calças, sendo que não pronunciava nenhuma palavra, realizando apenas o gesto, isto porque não falava português.

O único aspeto onde não se verificou uma grande evolução foi na relação da criança com a assistente operacional, pois quando a criança chegava à sala a assistente ainda não havia chegado, o que fez com que não fosse desde logo criado um forte laço afetivo entre ambos. Apesar de a relação não ser tão próxima com a da educadora ou com as estagiárias, a criança lidava bem com a assistente operacional interagindo alguns momentos com a mesma.

A educadora desde o início que teve um papel crucial na integração da criança junto do grupo, pois é necessário que haja sempre uma intencionalidade educativa naquilo que se faz. Assim a intencionalidade da educadora passou também por integrar esta criança no grupo, fazendo com que a criança aceitasse o grupo em que estava inserida, bem como fazer com que o grupo aceitasse a criança. Antes de se começar a trabalhar com a criança deve-se criar primeiramente uma boa relação afetiva com a mesma, não só com a educadora mas também com os seus grupos-pares. Nesse sentido a educadora pretendeu começar o processo de integração através da relação afetiva entre todos para que a criança não se sentisse completamente posta de parte. Só depois foi começando a trabalhar com a criança a nível das aprendizagens físicas e cognitivas.

2.2.2 Atividade orientada para a educação intercultural

No dia 30 de maio de 2013, decorreu no local da prática de ensino supervisionada uma atividade programada para o relatório aqui apresentado.

Com esta atividade pretendeu-se observar a posição do “Zeca” em relação ao restante grupo, tentar perceber se no final do ano letivo a criança estava mais desinibida ou mais envergonhada em relação aos seus colegas, quando colocada em frente do grupo. Pretendeu-se ainda perceber qual o relacionamento da criança para com o seu pai e ainda dar a conhecer um pouco do país de origem do pai, Itália.

A atividade teve início com a apresentação do pai da criança em questão, vamos dar o nome de “José”, depois de se apresentar o José ao grupo procedeu-se à explicação ao grupo do que iria tratar a atividade que iria ser ali realizada.



Ilustração 1 - José a apresentar Itália

perguntas e querendo saber sempre mais, (ilustração 1).

O Zeca mostrou-se muito feliz enquanto ouvia o seu pai a falar, como é possível observar na ilustração 1, onde se pode ver o Zeca a esboçar um sorriso enquanto José fala. Na altura em que o senhor José falava, notava-se que a criança olhava para o seu pai com alegria e até mesmo com orgulho. De vez em quando a criança dava a mão ao pai, fazendo transparecer assim a afetividade e a cumplicidade existente entre os dois.

No decorrer da atividade a criança teve a sua vez de falar e de poder dar a conhecer algumas músicas na língua italiana, tentando posteriormente explicar do que se tratava nas músicas. Ao estar a falar, a criança indagava o seu pai através do olhar, procurando assim o apoio do seu progenitor, o que mostra que existe realmente uma grande cumplicidade entre os dois. Ainda enquanto falava a criança brincava muito com as mãos, o que mostrava algum nervosismo por estar a falar para o seu grupo. Contudo apesar do seu nervosismo verificou-se que estava content. Na ilustração 2, pode-se ver o José, o Zeca e a educadora, neste momento o Zeca estava a falar com o grande grupo e a apresentar as músicas italianas, o Zeca estava mais resguardado com algum nervosismo, pode-se ver ele a mexer nas mãos.



Ilustração 2 - Zeca fala para os colegas

Entre algumas das músicas apresentadas, foi também apresentada uma música infantil, o que fez as delícias de todo o grupo e que animou muito o Zeca por ver que todos os seus colegas estavam a gostar do que ele estava a apresentar. Deste modo surgiu a ideia de todos dançarem uma das músicas ali apresentadas, ilustração 3. No final da dança todos pediram para ser colocada mais uma música, o que agradou bastante o Zeca, e isso foi visível nos seus olhos e no seu sorriso quando olhava para um dos adultos presentes na sala.

Com esta atividade foi visível a evolução da criança ao estar presente perante o grande grupo e conseguir falar para todos, pois no início do ano esta não comunicava com ninguém; além do entrave em conseguir falar a língua dominante do país em que vive, esta sentia-se envergonhada quando falava para o grupo. Verificou-se um desenvolvimento satisfatório por parte da criança. Pôde-se dizer que a mesma já consegue ter uma boa conversa só em português, e que é capaz de interagir com todo o grupo respondendo às questões que lhe colocavam.



Ilustração 3 - O grupo prepara-se para dançar

Foi sempre visível a enorme cumplicidade existente entre o progenitor e a criança, essa que transpareceu através dos olhares, dos sorrisos e das trocas de carinhos ao longo da atividade. A relação com a educadora também foi bem caracterizada nesta atividade, em que se verificava algumas vezes a criança a falar com a educadora tentando tornar as suas palavras mais verídicas. Ainda em relação à educadora foi também visível um momento de cumplicidade, quando no final da atividade a criança foi livremente abraçar a educadora como forma de lhe agradecer todo o apoio e carinho dado não só durante a atividade, mas também ao longo de todo ano letivo. Este comportamento da criança é indicador do trabalho intencional e positivo desenvolvido

pela educadora para integrar a criança da melhor maneira. Em particular, trabalhou através da zona de desenvolvimento proximal, tentando sempre que a criança se desenvolvesse ao seu ritmo levando o tempo que fosse necessário.

Esta atividade revelou que a criança é muito próxima do seu progenitor e que existe entre ambos uma grande cumplicidade. A criança procurava muito o seu pai, procurando sempre o seu apoio só através da troca de olhares e de carinhos. Quando ouvia o pai a falar olhava-o com alegria e com bastante orgulho.

Quando chegou a sua vez de falar, este ficou mais nervoso do que no início da atividade, mas algo foi superando com o decorrer da atividade ultrapassando esse nervosismo, ao estar nervosa a criança brincava com as suas mãos enquanto falava. Era notável a alegria com que a criança apresentava as músicas que tinha levado para mostrar ao grupo. Penso que essa alegria se devia não só à presença do pai e pela sua cultura estar a ser valorizada naquele momento perante o seu grupo, como ainda ao facto da criança gostar bastante de música, sendo que era uma criança que gostava muito de cantar e de dançar ao longo do dia na escola. Naquele momento ele estava a juntar o “útil ao agradável” ao mostrar algo de que realmente gostava e que pertencia à sua cultura e que ele conhecia muito bem.

A relação da criança com o grupo ao início era um pouco retraída devido ao nervosismo, mas com o decorrer da atividade isso foi mudando, sendo que procurava o apoio do pai mas também da educadora. Com esta atividade a criança passou a encarar melhor o grande grupo, vendo ali pessoas que estavam interessadas no que ele estava a dizer e que gostavam dela. Deixando de ter muita vergonha de estar a falar para o grande grupo, e a passar a gostar de o fazer. A relação positiva com a educadora também foi visível no decorrer da atividade, sendo que a criança também procurava o seu apoio. No final da atividade a criança dirigiu-se voluntariamente para a educadora para a abraçar, este abraço teve como significado um “obrigado”, pois sentia-se que a criança estava a agradecer o facto de ter-lhe sido dado a possibilidade de falar para o seu grupo, bem como ter visto a sua cultura a ser valorizada, e ainda de ter podido ter o seu pai presente na atividade.

Conclusões

Partindo da análise dos dados obtidos procuraremos responder às questões que orientaram este trabalho e saber qual o papel do educador no processo de integração de uma criança nova no grupo, e em particular por uma criança de cultura diferente.

a) Como foi feita a integração da criança no grupo?

Foi possível verificar todo o trabalho realizado ao longo da prática de ensino supervisionada, em que se tentou ao máximo arranjar estratégias para que a criança fosse integrada no grupo com sucesso, e atingir os seus objetivos. Para isto, foi preciso dar também espaço à criança para que ela nos pudesse mostrar aquilo que mais gostava de realizar, e que sendo a música e a dança se revelaram estratégias adequadas para promover a sua integração. Quando questionada o porquê da música, e após tentar saber, chegou-se à conclusão que era devido à influência que a música já tinha na sua vida, pois os progenitores da criança estão os dois ligados à profissão de músicos, daí a importância também de conhecer o contexto familiar em que cada criança está inserida.

A juntar a isto é essencial referir que o papel da criança e do restante grupo foi deveras importante na integração desta criança. Pois foi através das interações verbais e físicas quotidianas com a educadora e com os seus colegas que a criança se foi integrando e incluindo da melhor forma possível. Foi necessário que a educadora se tivesse mostrado interessada e disponível para ajudar a criança no que ela precisasse ao longo do ano.

b) Qual o papel da educadora junto da criança?

Ao longo do estágio pude reconhecer que a educadora fazia questão de ter algumas práticas de inter/multiculturalismo, e que eram ensinados os valores do respeito para com o próximo e pelas suas diferenças. Estes valores eram bem integrados na sala, e o grupo ajudava a pôr em prática os valores aprendidos. O facto de o grupo ser multicultural facilita na compreensão da importância de tais valores junto de todos.

O papel do educador é fundamental junto do grupo, e com este estágio pude verificar que o educador tem realmente muita influência junto das crianças, e se a

educadora fosse monocultural certamente que não poderia ter o grupo que tinha, pois este era composto por diversas culturas. E se fosse uma educadora monocultural com certeza não iria transmitir os valores da melhor forma, sendo que ia reconhecer qualquer tipo de cultura, mas não iria querer conhecer as diferentes culturas, bem como as suas características e os seus costumes. E isso não se passou de modo algum com a educadora cooperante com quem estagiei, sendo que esta educadora é uma educadora que revelou ter uma prática inter/multicultural, fomentando o respeito pelas diversas culturas que tem dentro da sua sala, tentando sempre saber mais sobre cada uma das culturas para que possa transmitir esses conhecimentos para o grupo e levá-los a ganhar alguns dos bons valores da humanidade.

Deste modo pode-se constatar que o papel do educador é deveras importante e que o mesmo deverá estar em constante aprendizagem e tomar conhecimento das diferenças práticas pedagógicas de forma a conhecer e, também, dar a conhecer as culturas ao seu grupo.

c) São realizadas práticas de educação inter/multicultural?

Na sala de jardim de infância onde estive, pude comprovar algumas práticas de educação inter/multicultural, no aspeto em que eram realizadas algumas atividades com o intuito de tentar passar valores como o respeito, partilha, cooperação entre todos, conhecendo algumas diferenças entre as crianças, tal como a cor da pele, ou até mesmo a sua religião.

Às vezes uma simples atividade de pintura pode não parecer muito significativa, mas tem mais simbolismo do que imaginamos, pois numa pintura, pode-se trabalhar as diferentes cores de pele, pode-se ainda representar diferentes culturas e trabalhar em seguida cada cultura. Isso pode-se verificar quando se trabalhava sobre o algarve, quando era pedido para realizarem trabalhos sobre a região e aproveitava-se sempre para trabalhar em seguida a cultura algarvia fazendo referência a outras culturas, mostrando sempre as diferenças existentes de região para região, e de sociedade para sociedade.

Esta é uma instituição que se preocupa em trabalhar estas questões referenciando-as no seu projeto educativo como tivemos oportunidade de referir e de verificar que a instituição se preocupa em «Promover atitudes que permitam à criança a

sua inserção na vida social, numa perspectiva de educação para a cidadania» (PE, 2011/2012, p. 23). A instituição preza ainda por conseguir «Desenvolver o respeito pela multiculturalidade, favorecendo uma progressiva consciência da criança como membro da sociedade;» (PE, 2011/2012, p. 23), ou seja, a instituição respeita todas as nacionalidades e culturas e faz questão que seja implementado um respeito pelas diferenças culturais de modo a que haja consideração pela multiculturalidade para que se consiga desenvolver a consciência da criança e mostrar que esta faz parte de uma sociedade multicultural.

- d) Contribuem as práticas de educação intercultural para uma melhor integração de crianças de culturas diferentes?

Na minha opinião a existência de uma educação intercultural desde cedo entre as crianças, faz com que haja uma melhor integração numa cultura diferente da sua. Isto porque a criança já leva consigo toda uma aprendizagem de diferentes valores que são necessários para uma vivência em sociedade, seja ela qual for.

O trabalho de observação aqui relatado revelou que a execução deste tipo de práticas contribuiu para a integração da criança em causa no restante grupo. São práticas que envolvem o grande grupo e vão ao encontro de novas aprendizagens acerca de culturas até então pouco conhecidas pelas crianças, o que traz posteriormente uma maior valorização pelas mesmas.

Quanto mais cedo uma criança obter contato com diferentes culturas, em que vai conhecendo as culturas e as suas características, os seus valores, as suas crenças, mais facilmente vai adquirindo o respeito pelas diferenças, de modo a se conseguir.

Assim é extremamente importante que o educador desempenhe um papel de inter/multicultural e que trabalhe em prol de uma educação diversificada e cultural, de modo a dar a conhecer às crianças um pouco de como é a vida no mundo que as rodeia, exemplo disso foi a atividade desenvolvida para este relatório, em que o pai procurou apresentar e valorizar a cultura da família da criança o que levou a uma maior e melhor integração da criança junto do restante grupo, pois os colegas passaram a valorizar mais as diferenças da criança.

Reflexão final

A realização deste relatório deu-me a hipótese de compreender a importância do educador na integração da criança a par do desenvolvimento de práticas de educação intercultural. A abordagem teórica ao longo da elaboração do relatório permitiu-me enriquecer o pouco conhecimento que já possuía acerca da temática aqui desenvolvida. Penso que é cada vez mais importante dar-se valor à multiculturalidade existente no seio das sociedades, pois este é um dos aspetos que tende a crescer cada vez mais no seio da nossa sociedade atual e é preciso que todos estejamos preparados para lidar com as diferenças culturais mas principalmente as escolas, os educadores e professores.

O relatório contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional porque fez-me fortalecer a ideia de que todos os seres humanos merecem ser respeitados e aceites uns pelos outros. Deve-se ter sempre em atenção todas as crianças e suas culturas de modo a trabalhar sempre na integração das crianças na sociedade dominante em que estão inseridas, mas nunca faltar ao respeito pelas diferenças de cada um. Senti que evolui mais enquanto pessoa e passei a valorizar mais o mundo que me rodeia. Exemplo disso são as preocupações que me acompanharam e que foram mudando com a minha experiência na PES. Inicialmente não tinha muita noção e preocupação na diversidade de atividades que deviam ser realizadas para que todas as crianças estivessem integradas e capacitadas para a sua realização, mas com o avançar do estágio e com o estudo que estava a elaborar fui alterando a minha maneira de trabalhar, de modo a que conseguisse envolver adequadamente todas as crianças nas atividades que eram propostas. Tentei também diversificar sempre as atividades propostas a todo o grupo de forma a dar a conhecer várias formas de trabalho e ao mesmo tempo mostrar a grande diversidade cultural que existe em nosso redor.

Para a conclusão deste relatório foi preciso elaborar uma investigação através de pesquisas e leituras de modo a compreender melhor o nível em que se encontra a educação inter/multicultural no pré-escolar e tentar perceber o que se podia fazer para melhorar a situação atual. Tentei perceber qual deverá ser o papel do educador perante um grupo constituído por diferentes culturas.

Um dos pontos a salientar é a importância do contributo dos pais na vida escolar das crianças, sendo que é muito essencial para uma boa integração da criança num novo grupo. A educação de uma criança começa em casa junto da sua família, pois não é só

na escola que se educa a criança, é muito importante a família educar a sua criança para que esta consiga estar em sociedade de uma forma educada. É de salientar que este relatório teve a ajuda da família da criança em que foi feito o estudo. A família revelou-se uma fonte fundamental no desenvolvimento da atividade relatada.

Aprendi muito junto da educadora cooperante com quem estagiei, pois esta ajudou-me muito no meu desenvolvimento profissional e até mesmo pessoal. Foi uma pessoa com quem aprendi o que é ser educador, e que o educador é um modelo para as crianças e que estas respeitam muito o que um educador transmite. A educadora contribuiu muito também para a realização deste relatório, onde me ensinou a diferença entre ser um educador monocultural e um educador inter/multicultural. Ensinou-me que acima de nós estão as crianças e as suas aprendizagens. No que diz respeito ao nível pessoal senti que ao longo deste último ano cresci muito, pois senti que consegui ultrapassar medos antigos. Fez-me crescer enquanto ser humano e olhar o mundo de outra perspetiva, percebendo que o mundo deve ser visto com outro olhar, um olhar mais real. Mostrou-me que na vida nem todos os problemas que pensamos ser graves são realmente e que há problemas piores que os nossos.

A Prática de Ensino Supervisionada ajudou-me a ter confiança em mim mesma, e fez-me perceber que a confiança e o respeito são fundamentais para um trabalho de sucesso com um grupo de crianças. É necessário que haja confiança e respeito por parte da educadora perante o grupo, mas também é importante o contrário que essas características também existam do grupo para com a educadora. Com o tempo que fui passando com o grupo, ganhei a amizade deles todos e, uma amizade só se consegue ter com base no respeito e na confiança que se tem no outro ser e posso dizer que senti isso junto do grupo. Com a realização deste estágio pude ter a certeza de que é realmente isto que eu quero fazer na minha vida profissional. E o facto de o estágio ter corrido bem ajudou bastante no momento de ter a certeza do caminho que quero seguir no futuro. O ambiente educativo em que estive envolvida foi bastante favorável para que tudo corresse da melhor maneira possível. Foram algumas as dificuldades que tive que ultrapassar da melhor maneira possível, para conseguir levar o curso até ao fim, mas todos os obstáculos no caminho fizeram com que me tornasse mais forte. É verdade que foram muitas as vezes em que o pensamento passou pela desistência do curso, mas o sonho de querer mesmo ser educadora de infância fez-me querer continuar a lutar por não desistir e ir até ao fim do curso.

Ao realizar este relatório, foram algumas as dificuldades que passei desde do tema inicial à realização da atividade prevista, pois inicialmente tinha pensado noutro assunto para tratar no relatório, mas com o avançar do tempo fui verificando que não poderia ser tratado da forma como eu estava a planear e, em seguida, com a ajuda da supervisora da prática de ensino supervisionada consegui chegar a um tema mais em concreto. Uma das coisas onde houve algumas complicações foi na compatibilidade de horários entre a educadora cooperante e o pai da criança em causa, para a realização da atividade final.

Ainda no relatório, houve algumas pesquisas que dificultaram o estudo por mim realizado, entre as quais os valores fornecidos pelo INE e pelo SEF referentes à imigração, pois estes valores eram referentes ao mesmo ano civil mas o seu valor era algo discrepante entre um e outro, o que dificultou na veracidade dos valores apresentados pelos dois sistemas nacionais, pois os dois são serviços credíveis mas ambos contêm valores distintos um do outro o que deixa a dúvida no ar aos cidadãos que consultem os estudos e valores de cada um.

Referências

- ACIDI. (s.d.). *PORTUGAL É O MELHOR NA INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES Na Vertente da Reunificação Familiar e do acesso à Nacionalidade .RELATÓRIO DE POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO DE MIGRANTES 2011*. Lisboa. Consultado a 19 de junho de 2013 de: site
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Traduzido por: Luís Reto & Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, LDA
- Bessa, F., Coutinho, C. P., Dias, A., Ferreira, M^a. J., Sousa, A. & Vieira, S. (2009). *Investigação-Acção: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas*. Psicologia Educação e Cultura, vol. XIII. P, 355-358.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, Lda
- Cardoso, C. M. (1996). *Educação multicultural – Percursos para práticas reflexivas*. Lisboa: Texto Editora, Lda.
- Carvalho, A. (2011). *Censos 2011 Resultados Definitivos – Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- Casa-Nova, M. J. (2005). *Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas*. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n.47, p. 181-216, abr/jun. 2005
- Cochito, M. I. (2004). *Cooperação e Aprendizagem – Educação Intercultural*. Porto: ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas
- Cortês, L. & Pacheco, N. (1991). *O Conceito de Educação Intercultural. Interculturalismo e Realidade Portuguesa*. In revista Inovação, volume 4, nº 2-3, pp. 33-44. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

- Cotrim, A. M. & Ortigão, I. R. & Ferreira, J. & Oliveira, M. H.. (1995). *Educação Intercultural – Abordagens e perspectivas*. Lisboa: Secretariado coordenador dos programas de educação Multicultural, Ministério da Educação
- Durozoi, G. & Roussel, A., (2000). *Dicionário de Filosofia*. Trad. por Correia, M. F.. Lisboa: Porto Editora, Lda
- Elosua, R. & Candau, V. & Llopis, C. & Romera, C.; (1994) *Interculturalidade y Cambio Educativo: Hacia comportamentos no discriminatórios*. Madrid: Narcea Ed.
- Estrela, A. (1986). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma estratégias de Formação de Professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica
- Leite, C., Rodrigues, M. L.. (2001). *Jogos e Contos numa Educação para a Cidadania*. Lisboa: Ministério da Educação: Instituto de Inovação Educacional.
- Lourenço, J. M., Oliveira, M. S., Monteiro, S. F. (2004) *Investigação-Acção: Princípios Gerais*. Metodologias da Investigação I. DEFCUL
- Machado, J. P., (1989). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Vol.: IV, VI, VII*. Alges: Euro-Formação: Valorização Pessoal e Profissional, Lda.
- Ministério da Educação. (1997). *Legislação*. Lisboa: Ministério da Educação: Departamento da Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar
- Ministério da Educação. (2004). *As bases da Educação [actas] / Seminário Lei de Bases da Educação*. Lisboa: Ministério da Educação: Conselho Nacional da Educação

- Ministério da Educação. (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação: Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular
- Moniz, L. (2008). *Não sei se sou diferente... - A (in)visibilidade da diversidade cultural*. Lisboa: Livros Horizonte, LDA
- Pereira, A., (2004). *Educação Multicultural, Teorias e Práticas*. Porto: ASA Editores, S.A.
- Pinto, S. R. F. (2007). *As Representações dos Professores no Diálogo de Culturas nas Escolas. Estudo de Caso: Os Professores do 1º Ciclo de um Agrupamento de Escola do concelho de Paredes*. Porto: Universidade Portucalense- Infante D. Henrique.
- Ribeiro, A. S. & Cavalcanti, J. & Cruz, M. (2010). *Perspectivas actuais da Educação Intercultural na promoção de uma escola Inclusiva*. Saber & Educar.
- S.E.F., (2012). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2011*. Oeiras: SEF/ Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento)
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Livros Horizonte: Lisboa.
- Sousa, G. (1998). *Metodologia da Investigação, Redação e Apresentação de Trabalhos Científicos*. Livraria Civilização Editora: Porto
- Sprinthall, N. A. & Sprinthall, R. C. (1993). *Psicologia Educacional. Uma abordagem desenvolvimentista*. Traduzido por: BAHILA, S. & Pinto, A. M. & MOREIRA, J. & RAFAEL, M.. Alfragide: McGraw-Hill de Portugal, L^{da}

Stoh, S. & Cortesão, L. (1999) *“Levantando a Pedra” – Pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educativas numa época de Transnacionalização*. Porto: Apontamento.

Trillo, F. (coord.) (2000). *Atitudes e Valores no Ensino*. Lisboa: Instituto Piaget

Vasconcelos, T. (1997). *Ao redor da Mesa Grande*. Porto: Porto Editora.

ANEXOS

Glossário

Cultura → “Tornado pouco a pouco sinonimo de civilização, este termo designa o conjunto das tradições, técnicas e instituições que caracterizam um grupo humano: a cultura assim entendida é normativa e adquirida pelo individuo desde da infância por meio dos processos de aculturação.”

Emigração → “Acto de emigrar. Saída voluntária da pátria.”

Emigrante → Deixar o seu país, sair da pátria, para residir noutro país. Mudar de país.

Emigrar → “Deixar o seu país, sair da pátria para residir noutro país.”

Imigração – “Acção de imigrar. Entrada, num país alheio, de pessoas que se propõem participar na vida desse país e fazer nele residência mais ou menos permanente.

Imigrante → “Que ou o que imigra; que ou o que vem estabelecer-se num país estrangeiro”

Imigrar → “Estabelecer-se alguém num país que não é a sua pátria.”

Migração → “Acção de passar de um país para outro, para nele viver (diz-se especialmente do deslocamento de grande massa de gente)”.

ANEXO II

TA BELA DE REGISTOS DIÁRIOS

| | | |
|---|-------------------------|--------------------|
| Registo Diário de uma criança Ítalo-Canadiano Observadora: Angélica Segurado Observando: “Zeca” (nome fictício) Período de Tempo: aproximadamente 1 mês da prática | | |
| Data | Descrição diária | Observações |
| | | |

1. Tabela de registos diários

| Registo Diário de uma criança Ítalo-Canadiano Observadora: Angélica Segurado Observando: “Zeca” (nome fictício) Período de Tempo: aproximadamente 1 mês da prática | | |
|---|---|--|
| Data | Discrição diária | Observações |
| 15 de janeiro de 2013 | O Zeca hoje esteve mais à vontade com as educadoras. Foi cumprimentar as educadoras mas desta vez através do contato físico com um abraço e um beijo e também através do contato verbal em que dá o “bom dia” muito animado. Ao longo do dia foi mostrando-se muito à vontade. | Está mais autónomo ao longo do dia nas tarefas livres. Nos trabalhos efetuados ao longo do dia expressa-se melhor no que quer realizar. |
| 16 de janeiro de 2013 | Hoje a chegada do Zeca à sala foi feita de uma forma muito animada, entrou na sala a sorrir para todos e a se despedir dos pais de uma forma animada. Uma particularidade em que se reparou hoje, foi que o Zeca enquanto estava a fazer o seu desenho estava a cantar em voz baixa. | No dia de hoje mostrou-se muito alegre, reage muito bem à música e à dança, sendo que já chegou a afirmar que gostaria de ser maestro como o pai. |
| 21 de janeiro de 2013 | Hoje foi a visita ao Museu Regional do Algarve. O Zeca foi sempre muito calmo e prestou sempre atenção ao que a guia do museu ia explicando. Já de regresso à sala houve uma conversa em grande grupo onde era falado do que tinha sido aprendido na visita. Quase todos partilharam as suas opiniões, o Zeca não | Mostra-se ser uma criança interessada pelo que está a ser explicado, contudo no que diz respeito à interação verbal verifica-se que ainda não se sente muito à vontade perante o grande grupo. |

| | | |
|-------------------------------|---|--|
| | quis dizer nada durante a conversa. | |
| 23 de janeiro de 2013 | Início de um novo trabalho. O Zeca conseguiu realizar o seu trabalho sem qualquer tipo de dificuldade, seguindo sempre as orientações que eram dadas ao grupo para a confecção do trabalho. | Está a ganhar alguma autonomia no que diz respeito ao trabalho realizado, sendo que já não necessita de muita ajuda de um adulto. |
| 4 de fevereiro de 2013 | Hoje o dia foi propício a novas experiências, foi dado a oportunidade do grupo trabalhar com o barro. No início ficou um pouco reticente ao material que lhe foi fornecido. Sendo que só começou a tocar no barro quando viu alguns dos seus colegas a manusearem sem qualquer medo o barro. No início da atividade o grupo podia manusear o barro livremente para tomar conhecimento de como era o material, logo depois passou-se à verdadeira atividade proposta para se realizar, e o Zeca foi das poucas crianças a realizar a atividade sozinho pedindo ajuda já no final para os ajustes da mesma. | A criança estava um pouco receosa do material que lhe tinha sido fornecido, mas ao observar os colegas a mexerem no barro, foi ganhando confiança e a trabalhar com o barro. O que mostra que a criança já tem alguma consideração e confiança pelo seu grupo e no que eles fazem. |
| 5 de fevereiro de 2013 | Hoje foi um dia mais calmo e em que se deixou as crianças realizarem o que quisessem depois de terem terminado os trabalhos que tinham ficados por terminar no dia anterior. O Zeca depois de terminar o seu trabalho pediu para realizar algumas das fichas de trabalho que há na sala. Depois de realizar algumas dessas fichas, o Zeca foi brincar com os seus colegas, aqui | Mostra vontade de aprender melhor a língua portuguesa, tanto a linguagem oral como a escrita, o que mostra interesse em aprender e em adaptar-se à língua do país que o acolheu. |

| | | |
|-------------------------------|--|--|
| | pôde-se verificar que já existe maior afetividade entre a criança e o resto do grupo. | |
| 6 de fevereiro de 2013 | Hoje foi trabalhado o “rasgar” com o Zeca, pois numa das atividades anteriores foi verificado que ele mostra algumas dificuldades nessa área da motricidade fina, assim foi dado início a essa aprendizagem. | Mostra uma vontade de aprender sempre mais, não se opondo às atividades que são propostas. Quando não consegue fazer a atividade pede ajuda a uma das educadoras e tenta até conseguir realizar a atividade. |

ANEXO III
TABELA DE REGISTOS DE INTERAÇÕES

| | | | | |
|-------------------------|--|--------------------|--------------|-------------------------------|
| Período de Tempo | 1º trimestre De: 1 de outubro Até: 9 de novembro | | | |
| | Educadora | Estagiárias | Grupo | Assistente operacional |
| Interação Verbal | | | | |
| Interação Física | | | | |
| Observação: | | | | |

| | | | | |
|-------------------------|---|---|--|---|
| Período de Tempo | 1º trimestre De: 1 de outubro Até: 9 de novembro | | | |
| | Educadora | Estagiárias | Grupo | Assistente operacional |
| Interação Verbal | A criança apenas dizia: Olá; Bom dia; | A criança dizia: Olá; Bom dia; Tenho xixi; | Não havia comunicação da criança para com o grupo | Não comunicava com a assistente operacional |
| Interação Física | A educadora ia ao encontro da criança para o cumprimentar, ou simplesmente para dar um abraço. Da parte da criança não havia procura | O contacto entre a criança e as estagiárias era efetuado apenas quando as estagiárias iam ao encontro da criança. Sendo que a criança não procurava o contacto físico | A criança resguardava-se muito e não procurava o restante grupo, ficando sozinho a um canto da sala. | Era a assistente operacional que ia ao encontro da criança, à semelhança do que acontecia com a educadora e com as estagiárias. |
| Observação: | <p>A criança sentia-se muito tímida e envergonhada no início do ano, o que fez com que o seu comportamento fosse condicionado no que diz respeito à interação física. Já no que diz respeito à interação verbal, esta não acontecia talvez pelo facto de a criança não ser portuguesa e não perceber muito bem a língua na altura em que chegou, juntamente com o facto de ser tímida. Algo que deve ser trabalho com a criança de uma forma calma e sem a pressionar para que esta não bloqueie na aprendizagem.</p> <p>É importante disponibilizar algum tempo e espaço para que a criança possa ambientar-se à sala e ao grupo e levar o tempo que achar necessário, pois cada criança é uma criança e todas precisam do seu tempo e espaço para se integrarem a um meio novo.</p> | | | |

| Período de Tempo | 2º trimestre De: 19 de novembro Até: 2 de janeiro | | | |
|-------------------------|---|--|--|--|
| | Educadora | Estagiárias | Grupo | Assistente operacional |
| Interação Verbal | Nesta altura a criança já comunicava mais com a educadora. Quando a educadora falava diretamente com a criança, já obtinha resposta. | Comunicava mais com as estagiárias, já ia ao encontro das mesmas para pedir qualquer coisa de forma autónoma. Queria participar nas conversas em grande grupo que as estagiárias proporcionam. | A criança já falava com alguns dos colegas, sendo que procura os colegas do mesmo sexo e mais calmos. | A interação da criança para com a auxiliar não sofreu grandes alterações. Sendo que dizia o «Bom dia», e quando quer pedir alguma coisa. |
| Interação Física | Neste período pôde-se constatar uma evolução na interação física por parte da criança, em que esta ao chegar à sala a dirige-se para a educadora para a cumprimentar com um abraço. | Cumprimentava com um abraço quando chega à sala. Ao longo do dia não procurava diretamente o contacto físico com as estagiárias, contudo quando estas se aproximavam para um abraço ou beijo, a criança manifesta uma alegria em receber esses gestos. | Com o desenvolvimento da interação verbal, já brincava com todos os colegas, embora preferisse desenhar ou ficar a brincar isolado. Ao chegar à sala, a criança recebia um abraço | Na interação física da criança para com a assistente operacional, não se registou grandes avanços, pois o laço afetivo ainda não foi completamente estabelecido. |

| | | | | |
|--------------------|--|--|--|--|
| | | | de uma colega, ao início retraia-se ao abraço, porém tem retribuído já o abraço. | |
| Observação: | <p>Neste período de tempo denotou-se uma melhoria nas interações da criança, sendo que está ligeiramente mais comunicativa com o grupo e com os adultos da sala. Sendo que a interação com a assistente operacional verifica-se que é mais distante, talvez pelo facto da assistente pessoal entrar mais tarde na maioria das vezes e assim não estar presente na hora do acolhimento da criança, pois é nesta hora que se verificou a melhoria a nível da interação física.</p> <p>Pode-se afirmar que a evolução da criança a nível da sua integração no grupo é bastante positiva, sempre com tendência a melhorar, estando numa fase de descoberta do grupo e de integração cuidadosa. O papel da educadora e das estagiárias é deveras importante na sua integração, pois é necessário que esta seja feita da melhor forma e com alguma intencionalidade educativa.</p> | | | |

| | | | | |
|-------------------------|---|--|---|--|
| Período de Tempo | 3º trimestre De: 4 de fevereiro Até: 3 de abril | | | |
| | Educadora | Estagiárias | Grupo | Assistente operacional |
| Interação Verbal | Verifica-se uma maior evolução na comunicação da criança, já responde ao que a educadora lhe pergunta. | Existe uma evolução na interação verbal para com as estagiárias. Já dá a sua opinião nas conversas em grande grupo, e pede até mesmo para participar nas atividades. | A criança está mais participativa nas conversas com o grupo. Já consegue entender o que estão a conversar e integra-se bem nas conversas. | Em relação à interação verbal da criança para com a assistente operacional verifica-se que não existe grandes mudanças, sendo que a assistente operacional não é a primeira escolha da criança quando precisa de alguma coisa. |
| Interação Física | Nota-se uma pequena evolução na criança, contudo não existem grandes interações no que diz respeito ao contacto físico. | Já se nota uma maior evolução, pois nos momentos livres já procura as estagiárias para brincar e para algumas trocas de contacto através de cócegas ou abraços. | A sua interação física com o restante grupo, foi onde se registou uma maior evolução, sendo que a criança já brinca autonomamente com todas as crianças do grupo, | Não se verificou nenhuma alteração, sendo que é a assistente operacional que vai ao encontro da criança. |

| | | | | |
|--------------------|---|--|---------------------------------|--|
| | | | deixando assim de se isolar. | |
| Observação: | Em comparação com os outros dois trimestres, a criança revela uma grande evolução nas interações que faz com os restantes elementos do grupo, mas a maior evolução é relativamente no que diz respeito à interação verbal, pois esta criança para conseguir comunicar teve que aprender a falar português, devido à sua nacionalidade e ter passado algum tempo fora, esta criança não falava nada de português quando chegou ao grupo. | | | |

ANEXO IV
REGISTO DA ATIVIDADE PROGRAMADA

| Questões | Muito | Moderadamente | Pouco |
|--------------------------------------|-------|---------------|-------|
| Participou na atividade? | | | |
| Sentiu vergonha? | | | |
| Foi desinibido? | | | |
| Teve gosto no que falou? | | | |
| Olhava para algum dos adultos? | | | |
| Havia cumplicidade com o progenitor? | | | |

| Questões | Muito | Moderadamente | Pouco |
|--------------------------------------|----------|---------------|-------|
| Participou na atividade? | x | | |
| Sentiu vergonha? | | x | |
| Foi desinibido? | | x | |
| Teve gosto no que falou? | x | | |
| Olhava para algum dos adultos? | x | | |
| Havia cumplicidade com o progenitor? | x | | |